

Revista Adventista

Campanha Pró-Temperança

URGENTES foram os apelos do Espírito de Profecia no sentido de sermos activos na causa da abstinência, de ocuparmos a vanguarda na batalha contra os deletérios efeitos do uso de bebidas intoxicantes, e de fazermos avançar a causa da abstinência por meio da voz, da pena e do voto. O fervor destes apelos está em proporção com a necessidade de salvar lares da aflição e da dor, de libertar as estradas do condutor cujas reacções mentais e nervosas foram entorpecidas pelas bebidas alcoólicas, e de evitar o crime causado por uma moral dementada pela bebida.

Em anos recentes tem havido um reavivamento de interesse na luta contra o álcool entre os Adventistas do Sétimo Dia. Muito bem se está fazendo através das várias actividades de temperança actualmente em curso.

Aos Adventistas do Sétimo Dia será necessário citar estatísticas em apoio do facto de que a quantidade de crimes devidos à bebida constitui o maior factor isolado nos registos criminais de hoje? Será necessário lembrar aos Adventistas do Sétimo Dia o perigo da perda do domínio moral individual na bebida em sociedade? Toleram os membros da igreja com indiferença a presença no nosso meio de locais de bebida onde é servido o álcool estiolador do carácter? Podem os genuínos amantes da temperança ficar apáticos perante os acidentes devidos ao álcool, que atingem totais assombrosos quando comparados com outras causas de morte, incluindo mesmo a perda de vidas nos campos de batalha?

A resposta evidente é: Não! Um enfático: Não! Então que devemos fazer? Façamos uso eficaz de acção pessoal, de distribuição de literatura apropriada e de trabalho público de temperança.

Uma oportunidade esplêndida para promover a causa da abstinência total será apresentada aos Adventistas do Sétimo Dia na Oferta pro-Temperança, que será levantada em todas as nossas igrejas no Sábado, 25 de Outubro de 1952. O dinheiro recebido nesta oferta será usado para a preparação e circulação de literatura relativa à abstinência. Ajudará a pôr em acção planos mais amplos para iluminar o público acerca dos efeitos do álcool e do tabaco, a organizar reuniões de reavivamento pro-Temperança, e a preparar cratazes para serem afixados em escolas e lugares públicos.

Assim unamo-nos em fazer desta oferta, a maior oferta anual pro-Temperança na história dos Adventistas do Sétimo Dia. A data — 25 de Outubro de 1952.

DEPARTAMENTO DA TEMPERANÇA

Como Lês?

por D. A. DELAFIELD

Certo dia, estando Cristo a ensinar o povo, foi-Lhe dirigida por um doutor da lei a pergunta: «Que farei para herdar a vida eterna?» A grande multidão aguardou cheia de expectativa a resposta do Salvador: «Que está escrito na lei? *Como lês*»? S. Luc. 10:25 e 26.

Em Sua resposta, Cristo ligou a obra da salvação à lei que fôra proclamada do Sinai. «Ele fez depender a questão da salvação, da observância dos mandamentos de Deus». — *O Desejado de Todas as Nações*. Jesus, no entanto, esclareceu que se achavam envolvidos outros factores na obtenção da vida eterna. «Como lê?» perguntou. A pergunta encerra a mesma sabedoria penetrante que se achava na pergunta de Filipe ao eunuco: «Entendes tu o que lê?» Actos 8:30.

A leitura das Escrituras e da lei trará entendimento ao coração, caso nos aproximemos do inspirado Registo no devido espírito e atitude, como alunos que indagam de Deus o caminho para a vida eterna.

Tanto o doutor da lei a quem Cristo se dirigiu, como o eunuco de quem Filipe se aproximou, eram sinceros indagadores da verdade. Queriam sinceramente compreender o plano da salvação. Nosso Senhor e o apóstolo Filipe procuraram ambos mostrar que o espírito com que entramos no estudo das inspiradas revelações era tão importante como a própria observância da lei. Ambos eram necessários. Mas a capacidade de tirar vida e graça da Escritura dependia do espírito com que ela era lida.

Os modernos hábitos populares de leitura

Bem fariamos em nos dirigir a pergunta: «Como lê?» Certamente há muito mais hoje para ler, do que nos tempos de Cristo, tanto no sentido religioso, como no secular. Geralmente falando, o povo acha-se informado por ter à disposição os jornais, as revistas, e grande provisão de literatura sobre todos os assuntos. Achamo-nos num século de literatura. Quase todo o mundo lê, e muitos adultos e mesmo adolescentes têm bem estabelecidos hábitos da leitura.

No mundo que nos cerca, esse hábito de leitura tem tomado certos aspectos menos felizes. A maioria do povo perdeu ou nunca adquiriu o amor pela leitura profunda e que pede reflexão, e a imprensa secular tem interferido com a celeste solicitação de examinar as Escrituras a fim de verificar os requisitos para a vida eterna. Entreter o público, eis a primeira consideração de muitos editores. Daí, as estantes ou mostruários de literatura acharem-se pejados de livros e revistas que provêem pasto à concupiscência e aos desejos carnis. As bancas de jornais da terra têm irrompido com uma erupção de sexo e histórias de amor, contos de homicídios e crimes, fantasias as mais absurdas... Que assustadores sintomas de imaginação doentia e de apetite pervertido são apresentados por essa classe de literatura!

Na própria igreja existem alguns que se deixaram escravizar pelas novelas e livros humorísticos. O resultado desse programa tem sido que o amor da verdade e o desejo de encontrar o caminho do reino eterno foi absolutamente perdido. Se as Escrituras são lidas, ou quando o são, isto se faz numa atitude semelhante àquela com que se empreende a leitura das ficções e coisas leves — com um relance de olhos através das páginas no intuito de descobrir algo de molde a entreter e a divertir.

Caso isto pareça demasiado forte, tomai o *Index to the Writings of Ellen G. White*. Procurai a palavra «Leitura» (Reading) e segui cuidadosamente através do *Index* até à linha «Reading, effects of harmful». Eis as declarações ali feitas: «desperta ímpias paixões», «a Bíblia torna-se desagradável», «embote a consciência», «maldição, a despeito da boa moral que aí se encontra», «prejudica grandemente a memória», «danifica a mente e o corpo», «falta de poder para dominar os pensamentos», «perda de gosto por leitura sólida», «promove desassossêgo e divagações», «faz com que o pecado pareça menos repulsivo», «perverte o gosto moral e mental», «rouba o tempo, a energia, a disciplina do próprio eu», «desequilibra as faculdades de raciocínio, fatiga o cérebro»,

«incapacita para a utilidade nas coisas espirituais», «desvia da oração e do amor pelas coisas espirituais».

Revistas ilustradas

A seguir à estranha leitura que acabamos de descrever, vem a humorística e muitas (não todas) das revistas ilustradas dos nossos tempos. Entre este último tipo de literatura tem vindo uma mistura de bom e mau. Vivemos numa época de leitura ilustrada. O povo tem-se habituado a ler rapidamente por meio de jornais ilustrados, olhando para as gravuras e lendo ocasionalmente os artigos curtos. Isto se compreende ao considerar o pouco tempo de que certas pessoas atarefadas dispõem. Todavia maus são os resultados. Tem-se perdido grandemente o poder de concentração e a arte de aplicar a mente de modo sério a livros e revistas que valham a pena. E o que ainda é pior, a natureza sensacional de muita dessa literatura priva a mente de qualquer prazer pela leitura menos estimulante e excitante.

Estivesse Cristo hoje na terra, e certo iria além da pergunta: «Como lê?» e indagaria: «Que lê?» É o que lemos que tem muito a ver com a maneira por que lemos. Os nossos hábitos de leitura acham-se associados aos assuntos sobre que lemos. Se ela é leve e frívola, incapacitamos e não nos encontramos preparados para ler a Bíblia com qualquer proveito e inteligente compreensão.

Muitos há que lêem as Escrituras com sincero desejo de entender, mas não aplicam a mente ao assunto. Qual o mineiro que cava em busca do oculto tesouro da verdade, o indigador precisa cavar fundo no precioso campo da verdade, a fim de descobrir o ouro reluzente. Não se encontra à superfície coisa alguma de grande valor. Importa que se empreguem tempo e esforços para alcançar os veios do precioso metal que correm no solo da revelação. Prouvera a Deus que houvesse mais estudiosos da Bíblia hoje entre nós, tais como aqueles que medraram na igreja durante o reavivamento adventista de 1844 e dos primitivos dias do movimento adventista do sétimo dia. Os homens então sabiam cavar em busca dos tesouros escondidos. Muitos há que ainda o fazem, mas necessitamos de mais dessa espécie.

Alguns lêem a Bíblia a fim de procurar provas para as suas ideias preconcebidas. Exploram as Escrituras no intuito de

achar textos que apoiem a sua teologia particular. O Espírito de Profecia é lido com o mesmo intuito. Esses zelosos irmãos citam os textos da Escritura e da Sr.^a White a fim de corroborarem certa opinião acerca de determinado objecto. Não lêem para compreender ou buscar conhecimento, mas para encontrar provas para os seus pontos de vista extremados. Aí se pode novamente fazer a pergunta: «Como lê?», ou: «Entendes?»

A vida eterna acha-se intimamente relacionada com essa questão da leitura. Deus achou por bem fazer da Palavra um veículo vivo da vontade divina. Importante é a maneira como nos aproximamos da revelação. «Como lê?»

Oferecemos, para o estudo das Escrituras, a seguinte e simples fórmula:

1. A Bíblia nunca devia ser aberta sem uma oração pedindo guia e iluminação divina. E a oração deve ser feita com fé. Isto é de grande importância.

2. Igualmente devem as Escrituras ser lidas com a vontade de aprender e obedecer. «Se alguém quiser fazer a vontade d'Ele, pela mesma doutrina conhecerá se ela é de Deus ou se Eu falo de Mim mesmo.» S. João 7:17.

3. Acham-se na Bíblia os grandes mistérios da redenção que só se podem encontrar mediante cuidadosa investigação. «Examinai as Escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que de Mim testificam.» S. João 5:39.

4. Deve haver também um tempo destinado à leitura da Bíblia, tempo separado cada dia. Pode-se achar esse tempo pela manhã cedo ao levantar, e à noite, antes de deitar.

Temos de encontrar na Bíblia o caminho da vida — vida eterna. A nossa salvação pode depender da maneira como nos aproximamos da Bíblia para estudá-la. Que Deus nos ajude a fazê-lo com reverência, no temor do Senhor.

Assinar a «REVISTA ADVENTISTA» corresponde a ter à mão um repositório de artigos do máximo interesse espiritual, directrizes seguras para a marcha dos diferentes Departamentos e as notícias mais interessantes do Movimento Adventista através do Mundo e do campo português.

A Esposa no Lar

≡ pela Dra. Ida S. Nelson

Uma boa esposa! Quanto da felicidade e êxito deste mundo se acham contidos nessas três concisas palavras! É grande a sua influência. O poder que possui para o bem ou para o mal é irresistível. A boa esposa é, para o homem, sabedoria, valor, força, esperança e resistência. A má esposa é confusão, debilidade, desconcerto e desespero. Não há resistência externa que se possa opor à indolência e à extravagância no lar. O homem é forte, porém seu coração não é firme. Deleita-se em realizar grandes empreendimentos, mas para seu apoio necessita de uma companheira de espírito tranqüilo e sincero.

Na verdadeira esposa, o homem não encontra somente afecto mas também companheirismo, e companheirismo que não se compara a nenhum outro. É, para ele, a amiga que suporta com paciência os seus períodos de silêncio, que ouve com simpatia e interesse detalhes sobre seus negócios, que acolhe com apreço minuciosidades que, às vezes, pareceriam sem muita importância.

«A casada cuida... em como há-de agradar ao marido». Essa deve ser a maior preocupação da esposa diligente. Esforçar-se-á para tornar feliz o esposo.

Depois de um dia de trabalho e fadiga, um homem chegou ao lar. Quando o seu olhar cansado caiu sobre os móveis limpos e bem arranjados, sobre a refeição convidativa que o esperava, sobre a esposa com seu vestido simples e bonito, abraçou-a e exclamou: «Oh! querida, és a construtora de nosso lar!» As palavras que espontaneamente lhe brotaram dos lábios, nada mais eram que seus mais íntimos pensamentos, e a jovem esposa sentiu, nesse instante, serem aquelas as palavras mais doces que até então ouvira. A boa esposa é, na verdade, uma construtora. De sua direcção, bom discernimento, ordem e energia, depende a estrutura do lar. Sua vocação é conseguir, dentro das paredes do lar, uma atmosfera indefinível que proporcione um bem-estar e descanso tão suaves ao marido fatigado, que o faça apressar o passo quando, ao dobrar a última esquina, avista a casa querida. A paz, o descanso, a esperança, a cultura, a comunhão no lar, constroem um pequeno paraíso para o corpo e a alma.

A esposa deve compreender que actua no lar como verdadeira fonte de vida e felicidade. É quem distribui, em vasos transbordantes, a água refrigerante que emana de seu viver. Seu espirito ardente comunica alento de vida a todos os empreendimentos do lar. A delicada sensibilidade que possui é o invisível poder que age para purificar o sacrário doméstico. E, nesse círculo, a esposa, qual radiante centro e sol, dirige com sabedoria, virtude e amor.

«Embora possam surgir dificuldades, perplexidades e descoroçoamentos, nem o marido nem a esposa abrigue o pensamento de que a sua união é um erro ou uma decepção. Resolva cada qual ser para o outro tudo que é possível. Continuai as primeiras atenções. De todos os modos, anime-se um ao outro nas lutas da vida. Procure cada um promover a felicidade do outro. Haja amor mútuo, mútua paciência. Então, o casamento, em vez de ser o fim do amor, será como que seu princípio. O calor da verdadeira amizade, o amor que liga coração a coração, é um antegozo das alegrias do céu». — *O Lar*, pág. 9.

Nenhum traço de carácter é mais valioso na esposa que um temperamento suave. Sem ele, o lar nunca poderá ser feliz. É como as flores que crescem à beira do caminho, alegrando e animando os viandantes. Quando à noite o marido chega cansado e abatido pelas lutas e fadigas do dia, quão alentadoras são algumas carinhosas palavras da esposa alegre e disposta. É como sol que brilha suavemente no coração, trazendo felicidade.

Vinde comigo e observai os trabalhadores que vão para o serviço. Enquanto se apressam pelas ruas, muito podemos saber da vida que levam no lar. Ali vai um cujas roupas estão rotas e descuidadas, tendo no rosto uma expressão de dureza e descontentamento. É fácil notar que, em seu coração não há esperança alguma. Não possui um lar prazenteiro que o alegre e lhe retire da alma as nuvens que lhe entenebrecem a vida. É terrível a falta de amor num lar pobre, pois é ele o único

factor que pode aligeirar as cargas e traventura.

Eis outro que passa. É pobre, também, mas as roupas são limpas e a alegria ilumina-lhe o semblante. No macaco azul que usa, fizeram-se cuidadosamente remendos. Possui um lar, embora humilde. Vai com ele a esposa e confidente e, juntos, fazem planos para empregar os escassos recursos e aumentar as poucas comodidades. Disse alguém: «O que é a esposa, é o lar. O que é o lar, por via de regra, é o esposo e pai, tanto no que se refere à força como à debilidade.»

A esposa dedicada cumprirá seus deveres com dignidade e alegria, não considerando degradante fazer com suas próprias mãos o que quer que seja necessário ao lar. Se buscar em Deus força e consolo, no temor do Senhor realizará suas tarefas quotidianas, unirá o esposo ao coração, e verá os filhos chegarem à maturidade, como homens e mulheres honrados, tendo, no exemplo materno, um forte apoio moral.

«A mulher que trabalha no lar serve ao Senhor, talvez mais que o pregador que fala ao mundo.» — *Review and Herald*, 5 de Dezembro de 1899.

«Vossa esposa vos poderá ajudar em todos os esforços na seara do Senhor. Se estiver santificada na verdade, será uma bênção para vós e para a causa de Deus,

conversando com outros e sendo social.» — *Test.*, Vol. IV, pág. 347.

Para ser uma boa esposa, não é necessário que a sua personalidade esteja totalmente absorvida na do homem. Cada pessoa tem uma vida distinta das demais, com características particulares. Não é desígnio de Deus que nossa individualidade se perca na de outra pessoa. Quer que possuamos nosso próprio carácter.

A esposa deve sentir que ocupa um lugar igual ao do marido. Deve ser fiel em seu posto de dever como ele o é no seu.

A benéfica influência que pode exercer no lar, traduzir-se-á numa ampla utilidade na vizinhança e na igreja de Deus. O trabalho do lar não será um fardo para a esposa cristã e consagrada. Tem uma grande tarefa e alta vocação.

Se sois realmente uma das pessoas que deve ser a luz do mundo, deveis fazer brilhar essa luz em vosso próprio lar. Aí deveis exemplificar as graças cristãs, sendo amorosa, paciente, bondosa, rainha do lar, tornando vossa casa um pequeno céu.

A esposa que conhece a verdade da mensagem do terceiro anjo, deve possuir o poder do Espírito, vivendo de tal maneira que seu lar irradie luz até à igreja e desta até ao mundo.

DEPARTAMENTO DE PUBLICAÇÕES DA UNIÃO PORTUGUESA

RELATÓRIO DE SETEMBRO DE 1952

NOMES	HORAS	LIVROS	REVISTAS	TOTAL
António Gomes Duarte	211	3.405\$00	1.125\$00	4.530\$00
Adelino N. Diogo	127	1.840\$00		1.840\$00
Artur Oliveira	95	1.770\$00		1.770\$00
João António	151	1.600\$00	100\$00	1.700\$00
Flora Saramago	192		1.700\$00	1.700\$00
Isaias da Silva	96	1.440\$00		1.440\$00
Afonso António	162	1.215\$00	255\$00	1.470\$00
Idalina Ferreira	76		1.385\$00	1.385\$00
João Nobre	99	1.020\$00	150\$00	1.170\$00
Anselmo Almeida	42	1.170\$00		1.170\$00
Maria L. Saboga	90		1.000\$00	1.000\$00
Laura Fernandes	160		1.000\$00	1.000\$00
José da Costa	50	930\$00		930\$00
Júlia Sanches	104		605\$00	605\$00
Domingos Pastor	43	420\$00		420\$00
António Teixeira	35	360\$00		360\$00
Diversos	124	930\$00	130\$00	1.060\$00
	1.817	16.100\$00	7.450\$00	23.550\$00

O Secretário de Publicações

Fernando Mendes

ESPERTEZA, NÃO PIEDADE

por E. G. WHITE

Há jovens que têm certa espécie de es-
per-teza, que é reconhecida e admirada pe-
los companheiros, mas a sua capacidade
não é santificada. Não é fortalecida e soli-
dificada pelas graças e provas da expe-
riência, e Deus não a pode usar para bene-
fício da humanidade e glória do Seu nome.
Sob o disfarce de piedade, as suas facul-
dades estão sendo usadas para erigir fal-
sas normas, e os inconversos para eles
olham como uma desculpa a seu errôneo
procedimento. Satanás os induz a divertir
os companheiros por meio de tolices e
assim chamados ditos espirituosos. Tudo
quanto compreendem é vulgar; pois estão
sob o domínio do tentador, que lhes dirige
e molda o carácter, a fim de fazerem a
sua obra.

Têm habilidade, mas é indisciplinada;
possuem capacidade, mas inculta. Foram-
-lhes dados talentos; mas empregam-nos
mal e degradam-nos pela estultícia, arras-
tando outros para o seu próprio baixo ní-
vel. Cristo pagou o resgate por sua alma
mediante a abnegação, o sacrifício, a hu-
milhação, a vergonha e o opróbrio que
suportou. Fez isso para salvá-los da esca-
ridão do pecado, do jugo de um senhor
que só com eles se preocupa enquanto os
pode usar para arruinar almas. Mas tor-
nam de nenhum valor para si o amor do
Redentor, e Jesus olha com tristeza para
a sua obra.

Tais jovens enfrentam perda eterna.
Como lhes parecerá a sua insensata ale-
gria, no dia em que todo o homem rece-
berá do Juiz de toda a terra de acordo
com as obras feitas no corpo? Levaram
para o alicerce madeira, feno e palha, e o
trabalho de toda a sua vida perecerá. Que
perda!

Oh, quanto melhor é a condição dos que
desempenham a sua parte no serviço de
Deus, buscando de Jesus a aprovação, es-
crevendo todos os dias em seu diário os
enganos, os erros, os dissabores, as vitó-
rias alcançadas sobre a tentação, seu gozo
e paz em Cristo! Esses jovens não terão
de enfrentar o registo da sua vida com
vergonha e terror. — *Mensagens aos Jo-
vens*, págs. 39-41.

Galgando as alturas

No aperfeiçoamento do carácter cristão,
é essencial preservar em fazer bem. De-
sejo impressionar a nossa juventude com
a importância da perseverança e da ener-
gia na obra da formação do carácter. É
preciso, desde os primeiros anos, tecer no
carácter princípios de rigorosa integrida-
de, a fim de a juventude poder alcançar
a mais alta norma de varonilidade e femi-
nilidade. Devem sempre conservar diante
dos olhos o facto de que foram comprados
por preço, e glorificar a Deus no corpo
e no espírito, que Lhe pertencem...

Progresso diário

É a obra da juventude fazer progressos
dia a dia. Diz S. Pedro: «Acrecentai à
vossa fé a virtude, e à virtude a ciência, e
à ciência temperança, e à temperança pa-
ciência, e à paciência piedade, e à piedade
amor fraternal, e ao amor fraternal cari-
dade. Porque, se em vós houver e abun-
darem estas coisas, não vos deixarão ocio-
sos nem estéreis no conhecimento de nosso
Senhor Jesus Cristo».

Todos esses passos sucessivos não devem
ser conservados diante da mente e conta-
dos ao começardes; mas fixando os olhos
em Jesus, com o único fito de glorificar
a Deus, fareis progressos. Não podeis al-
cançar em um dia a medida completa da
estatura de Cristo, e haveríeis de imergir
no desespero, se pudésseis ver todas as
dificuldades que devem ser enfrentadas e
vencidas. Tendes Satanás a contender
convosco e, mediante todo o ardil possível,
procurará desviar de Cristo a vossa mente.

Enfrentando obstáculos

Mas precisamos enfrentar todos os obs-
táculos colocados no nosso caminho e ven-
cê-los um de cada vez. Se vencermos a
primeira dificuldade, estaremos mais for-
tes para enfrentar a seguinte e, a cada
esforço, nos tornaremos melhor habilita-
dos para fazer progressos. Olhando para
Jesus, podemos tornar-nos vencedores. É
por fixar os olhos nas dificuldades e re-

cuar da ardente batalha pelo bem, que nos tornamos fracos e destituídos de fé.

Dando um passo após outro, pode-se escalar a mais alta encosta e alcançar afinal o cume do monte. Não vos torneis oprimidos pela grande soma de trabalho que tendes de realizar durante a vossa vida, pois não se requer de vós que o façais todo de uma vez. Levai para o trabalho de cada dia toda a faculdade do vosso ser, aproveitai cada oportunidade preciosa, apreciái o au-

xílio que Deus dá e avançai passo a passo na escada do progresso. Lembrai-vos de que deveis viver apenas um dia de cada vez, de que Deus vos deu um dia e de que os registos celestiais mostrarão como avaliastes os seus privilégios e oportunidades. Possais vós aproveitar cada dia que Deus vos concede, de maneira a poderdes afinal ouvir o Mestre dizer: «Bem está, servo bom e fiel». — *Mensagens aos Jovens*, págs. 42, 43.

Através do Mundo Adventista

Benefícios da cooperação

Na cidade de Western Springs, no Illinois, Estados Unidos, um pintor, ao pintar a sua casa recém-construída, a fim de para ela se mudar, teve um acidente e morreu. Um irmão nosso, Harold P. Grossball, também pintor, teve a genial ideia de convocar todos os pintores adventistas das redondezas, e dias depois, numa manhã, juntaram-se 46 deles, cada qual com o seu pincel. Às dez horas da manhã estavam as escadas e andaimes em forma e, rodeados de muitos espectadores curiosos, os nossos 46 irmãos deram início ao trabalho, a um sinal do chefe. Vinte e nove minutos depois estava concluída a tarefa — estava pronta a pintura externa da casa toda, que é de madeira!

Escusado será acentuar a satisfação da viuva, não adventista. Um vizinho seu, que testemunhou o trabalho, observou: «Foi uma notabilíssima mostra de cooperação, de trabalho rápido e eficiente, e de boa vontade». Esse gesto aumentou o respeito da comunidade para com a natureza prática do verdadeiro cristianismo, enquanto os nossos quarenta e seis missionários voluntários voltaram para a casa com a consciência de terem cumprido a passagem de S. Tiago 1:27. — *J. O. Iversen*.

Dr. F. Brennwald

O Dr. F. Brennwald, filho do antigo tesoureiro da Divisão Sul-Europeia, que acaba de passar alguns anos nos Estados Unidos, aceitou o apelo que lhe foi dirigido para trabalhar nos Camarões. Fixará ali o seu campo de trabalho no fim do ano.

Um quarto vago

Um pequeno garoto de um lar budista em Hawaii, foi matriculado no jardim da infância de uma escola adventista; e estava sobremaneira alegre com o ambiente. Ouvia as histórias, tomava parte nos cânticos e brinquedos, tornando-se até um chefe nas actividades do grupo. Dia a dia ouvia histórias de Jesus — um novo nome para ele — até que, finalmente, pareceu sentir como se O conhecesse. Então, um dia, a sua professora contou-lhe que quando Jesus esteve aqui na terra não tinha lar.

— «As raposas têm covis», repetiu ela, «e as aves do céu os seus ninhos», mas o pobre Jesus não tinha nenhum lugar que pudesse chamar Seu.

O pequenino estudante ouviu solenemente, e quando ela terminou pôs-se-lhe ao lado, e disse:

— Senhora professora, este Jesus nunca teve um lar?

— Não, filhinho, não aqui.

— E a senhora disse que Ele virá outra vez?

— Sim, muito breve.

A face do menino iluminou-se e, então, disse com decisão:

— Senhora professora, diga a Jesus que quando Ele voltar nós temos um quarto vago para Ele em nossa casa.

«Quarto vago»! Poderão dizer o mesmo todas as crianças de todas as nossas escolas? — *Folha Evangélica*, de São Paulo.

A nossa literatura

J. S. Gale, um dos primeiros missionários da Coreia, disse: «Os Adventistas do

Sétimo Dia colocaram toda a ênfase nos livros para alcançar o mundo onde nenhum missionário vai, um mundo que nunca vai à igreja, um mundo que é frio, orgulhoso e em aflição. Eles têm mostrado mais senso e visão no trabalho missionário do que nós todos. Todas as coisas passam — somente a página impressa permanece!»

Filhos do Rei do Universo

Uma professora adventista estava ensinando no Sul da França, onde havia muitos refugiados da Europa Oriental. Entre eles viam-se umas 60 crianças.

Na escola, entre as demais crianças, estudava um menino de cerca de 12 anos, chamado João, que se notava ser diferente dos demais, por sua inteligência e amabilidade. A professora observou-o por algum tempo e um dia decidiu descobrir o segredo da sua amabilidade.

Pedi-lhe nesse dia que ficasse um pouco, depois da aula, e então perguntou-lhe:

— Joãozinho, parece haver algo diferente em ti; não conheço os teus pais, nem a tua casa; vivem por aqui?

Mas o menino nada respondeu.

— Quem são teu pai e tua mãe? Onde estão eles?

Ele baixou a cabeça e continuou mudo. — Tu és diferente dos outros meninos, mais sossegado, inteligente e amável. Qual é o teu nome?

Ele deu o nome pelo qual era conhecido na escola.

— Mas tu deves ter outro nome, além do de Joãozinho.

Então, baixando mais uma vez a cabeça, contou o seguinte:

— Quando os exércitos invadiram o meu país e chegaram ao lugar onde vivíamos, prenderam meu pai e minha mãe, e condenaram-nos ao fusilamento.

Joãozinho tinha os olhos cheios de lágrimas, quando continuou:

— Mas o inimigo permitiu-me dizer adeus a meu pai; ele apertou a minha mão, abraçou-me e disse-me: «Joãozinho, eu não sei o que te farão; nós vamos ser fusilados; mas lembra-te sempre de que tu és filho de um príncipe, porque teu pai é de família real! Tu deves portar-te sempre como um príncipe!» Disse-me adeus, fui-me embora e nunca mais o vi. Sou pois um príncipe.

Amigo leitor: Lembremo-nos de que também somos príncipes, filhos do Rei do Universo e irmãos do Príncipe Jesus. — *Folha Evangélica*, de São Paulo.

A promessa de Jesus ao ladrão arrependido

por E. FERREIRA

Em «O Distrito de Portalegre», de 6 de Setembro, acusam-se os adventistas de mentirem quando afirmam que o texto grego de Luc. 23:43 não implica a promessa de que o ladrão arrependido estaria com Jesus no paraíso, naquela própria sexta-feira em que morreu o Salvador.

Razões doutrinárias

Começa o articulista por se referir a razões doutrinárias. No entanto, se vemos bem, é precisamente sob o ponto de vista doutrinário que a interpretação corrente se torna insustentável.

1. Não é esta a oportunidade para provar que, segundo a Bíblia, a bem-aventurança só será concedida na ressurreição dos justos, por altura da segunda vinda de Jesus.

Para evitar longas citações, retenhamos a palavra clara do Mestre: «Recompensado te será na ressurreição dos justos». Luc. 14:14.

É a esta ressurreição que se refere S. João, no Apocalipse, quando diz: «Bem-aventurado e santo aquele que tem parte na primeira ressurreição: sobre estes não tem poder a segunda morte.» Apoc. 20:6.

Se não houvesse esta ressurreição, os que morreram em Cristo estariam perdidos. Não diz a Bíblia que as suas almas estariam na bem-aventurança, ao passo que os corpos estariam perdidos. As pessoas estariam literalmente perdidas: «Se os mortos não ressuscitam, também Cristo não ressuscitou. E, se Cristo não ressuscitou, é vã a vossa fé, e ainda permaneceis nos vossos pecados. E também os que dormiram em Cristo estão perdidos... Mas

agora Cristo ressuscitou dos mortos, e foi feito as primícias dos que dormem. Porque assim como a morte veio por um homem, também a ressurreição dos mortos veio por um homem. Porque, assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo. Mas cada um por sua ordem. Cristo as primícias, depois os que são de Cristo, na Sua vinda.» 1 Cor. 15:16-23.

É precisamente para buscar os Seus e levá-los nessa altura para a bem-aventurança que Jesus prometeu vir segunda vez a esta terra: «Virei outra vez, e vos levarei para Mim mesmo, para que onde Eu estiver, estejais vós também». João 14:3.

Será então que Jesus dirá aos remidos: «Vinde benditos de Meu Pai, possuí por herança o reino que vos está preparado desde a fundação do mundo.» Mat. 25:34.

À luz destas declarações bíblicas, todas as outras se tornam compreensíveis; aceitando, porém, a doutrina tradicional, estes textos carecem de sentido.

Ora foi justamente o privilégio de tomar

parte no reino de Cristo, a ser herdado por altura da Sua segunda vinda, que o ladrão arrependido pediu ao Salvador: «Senhor, lembra-Te de mim, quando entrares no Teu reino».

Era, pois, natural que a resposta de Jesus se adaptasse ao pedido.

2. Por outro lado, se admitirmos o purgatório (aliás estranho à Bíblia), ocorrer-nos uma pergunta. Sabemos que o ladrão arrependido cometeu em vida graves delitos, em consequência dos quais foi condenado à morte. Embora perdoados os seus pecados, segundo a teologia católica não necessitaria ele de passar pelo purgatório, a fim de sofrer a pena temporal devida aos mesmos? Se o purgatório não era para ele, então para quem devia ser?

3. Outra pergunta: Terá Jesus naquele próprio dia ido ao paraíso, para poder levar consigo o ladrão arrependido?

O mesmo Jesus nos esclarece a dúvida nos seguintes textos:

«Como Jonas esteve três dias e três noites no ventre da baleia, assim estará o Filho do homem três dias e três noites no seio da terra.» Mat. 12:40.

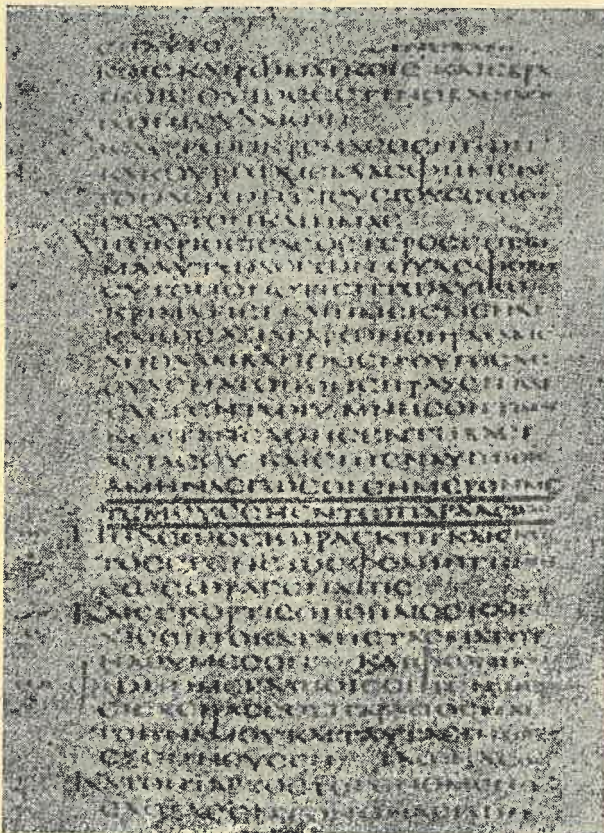
No domingo de manhã, após a ressurreição, declara a Maria: «Não Me detenhas, porque ainda não subi para Meu Pai, mas vai para Meus irmãos, e dize-lhes que Eu subo para Meu Pai e vosso Pai, Meu Deus e vosso Deus». João 20:17.

Sofismando estes textos dir-se-ia que só o corpo ficou na sepultura, enquanto a pessoa de Jesus foi para o céu após a morte. Mas qual é o suporte do pronome pessoal — o corpo ou a pessoa? Se a pessoa de Jesus, ainda que só em espírito, tivesse ido para o céu, poderia Ele ter dito que «estará o Filho do homem três dias e três noites no seio da terra»? Poderia dizer, com verdade, «ainda não subi para Meu Pai?»

4. Mais uma pergunta: Temos nós a certeza de que o ladrão morreu naquela sexta-feira?

Já devia passar do meio dia («hora sexta»), quando se travou o diálogo. Daí a poucas horas (segundo contagem judaica) terminaria o dia.

Sabemos que por vezes os crucificados permaneciam vivos durante dia ou dias. «A lei moisaica impunha a obrigação de o corpo ser levantado antes do pôr do sol. Ora muitas vezes a vida dos supliciados prolongava-se durante toda a noite e mesmo por todo o dia seguinte ao do castigo. Citam-se até exemplos de alguns terem



Manuscrito antigo do N. T.

Notar a ausência de pontuação. As linhas assinaladas correspondem a Luc. 23:43.

vivido sobre a cruz (três e quatro dias. (Petrônio, *Sat.*, 11 e 112; Just., *Hist.*, XII, 7; etc.)) — Alberto Pimentel, Filho, *A Morte de Cristo* (Monografia Médica), Lisboa, 1902, p. 68.

Por esse motivo os judeus lhes quebraram as pernas. Concluir-se-á que imediatamente morreram? Pode ser que sim. Também pode ser que não, e que nesse caso o ladrão arrependido tenha expirado já depois do pôr do sol de sexta-feira.

Razões linguísticas

Lê-se no citado artigo: «Onde encontrar razão para os protestantes? Nenhuma versão grega os favorece. Deitam-nos pô nos olhos dizendo que vão ao grego!... Mentira!»

E para confirmar que não temos razão, confessa-nos o autor que foi ao seu Novo Testamento de Merck, e que ali descobre a pontuação geralmente seguida, não aparecendo nenhuma diferença nas variantes apresentadas em nota.

Escusava de tanto trabalho o autor, se se lembrasse de que a pontuação é relativamente tardia e não aparece nos primitivos códices do Novo Testamento.

Eis as palavras de um conceituado autor católico: «Os mais antigos [MSS uniciais] apresentam o tipo bem conhecido de escrita contínua em que todas as letras são igualmente espaçadas: nenhum intervalo, nenhum ponto indica a divisão das palavras nem a das frases... Segue-se daí uma certa dificuldade para a leitura, e sucede por vezes que os Padres, separando diferentemente as palavras de um mesmo texto, não estão de acordo entre si quanto ao sentido a dar-lhe.» (J. Renié, *Manuel d'Écriture Sainte*, tome I, 1945, p. 146).

João Leal, S. J., no seu esplêndido livro *Os Evangelhos e a Crítica Moderna* (Trad. portuguesa de António Garcia, S. J., Porto, 1945), escreve: «Os espíritos e os acentos gregos, inventados pelos gramáticos já no séc. II antes de Cristo, não se usam com constância até ao séc. VIII. Por isso não se encontram nos melhores e mais antigos códices. A pontuação também se não usa no primeiro período». (pp. 202, 203).

Portanto é em vão que no texto original procuramos os dois pontos, a vírgula e, acrescentamos para o caso presente, a conjunção «que».

O versículo apresenta-se, pois, assim:

Ἄμην σοι λέγω σημερον μετ' εμου εση εν τω
Em verdade te digo hoje comigo estarás n'ο
παραδεισω.
paraíso.

Como noutros tantos casos, este versículo tem-se prestado às mais diversas traduções, de acordo com o ponto de vista ou a compreensão do tradutor.

Assim, ao passo que em geral se traduz como na Vulgata, outros tradutores, parecem-nos que com razão, traduzem:

«Verdadeiramente te digo neste dia: Comigo estarás no Paraíso.» (Joseph B. Rotherham, *The Emphasized Bible*).

«Verdadeiramente te digo hoje, Estarás comigo no Paraíso». (George M. Lamsa, na sua tradução do Novo Testamento, baseada em fontes aramaicas).

Pretende o articulista que «o *hoje*, ligado a *digo*, é um plonasmo sem razão de ser e nada usado mesmo na linguagem corrente».

No entanto é precisamente o que verificamos noutros textos bíblicos.

Por exemplo, ao exortar o povo, diz-lhe Moisés: «Se o teu coração se desviar e não quiseses dar ouvidos, e fores seduzido para te inclinares a outros deuses, e os servires, então eu vos *denuncio hoje* que certamente perecereis.» Deut. 30:18.

E em Zacarias 9:12, lemos: «Voltai à fortaleza, ó presos de esperança: também *hoje vos anuncio* que [esta conjunção não aparece no hebraico] vos recompensarei em dobro.»

Conclusão

Em presença de todas estas razões cremos que, mesmo para quem aceite a sobrevivência da alma consciente, a melhor tradução de Luc. 23:43 é a seguinte: «Em verdade te digo hoje: Estarás comigo no paraíso».

O advérbio «hoje» completa maravilhosamente a perícope «em verdade». As realidades e aparências adversas de «hoje» desaparecem perante a autorizada promessa do Salvador, reforçada pelas palavras «em verdade».

Jesus garante ao ladrão arrependido que, em resposta à sua súplica, terá um lugar no paraíso, quando vier buscar os Seus.

E. Ferreira

Registo Bibliográfico

Adestrando Portadores de Luz. Preparado pelo Departamento de Actividades Missionárias da Associação Geral dos Adventistas do Sétimo Dia. 2.^a edição. Casa Publicadora Brasileira. Santo André, São Paulo. 224 páginas. Brochado. Preço: Cr. \$15,00.

Trata-se de um livro digno de estar nas mãos de todos os obreiros e membros leigos. É o manual mais completo posto até ao presente à disposição dos pregadores voluntários de nossas igrejas.

Através dos títulos dos capítulos, pode ver-se a utilidade dos títulos dos capítulos, pode ver-se «História Denominacional relacionada com o Lugar e a importância da obra pessoal»; «Preparando um estudo bíblico»; «Ordem dos temas»; «Encontrando portas abertas e conseguindo entrevistas»; «Aproveitando as portas abertas»; «Ministrando o Estudo Bíblico»; «O Vale da decisão»; «Precauções oportunas»; «Estudos Bíblicos resumidos»; «História Denominacional»; «História Denominacional relacionada com o movimento Millerista»; «Crenças Fundamentais dos Adventistas do Sétimo Dia».

O capítulo «Estudos Bíblicos resumidos» subdivide-se em 28 esboços de estudos sobre as doutrinas fundamentais da Mensagem Adventista, organizados metódicamente e por vezes acompanhados de notas explicativas.

Fundadores da Mensagem, por Everett Dick. Casa Publicadora Brasileira, Santo André, São Paulo. 247 páginas. Encadernado. Preço: Cr. \$80,00.

Esta esplêndida obra, de leitura amena e documentada, apresenta as biografias de alguns dos mais representativos pioneiros do Movimento Adventista: Guilherme Miller, Josué V. Himes, José Bates, Tiago White, Ellen G. White, J. N. Loughborough e João Nevins Andrews.

Estudos sobre o Criacionismo, por Frank Lewis Marsh. Casa Publicadora Brasileira, Santo André, São Paulo. 378 páginas. Encadernado. Preço: Cr. \$85,00.

O autor, que é uma das principais autoridades do nosso movimento em Ciências da Natureza nas suas relações com a Bíblia, escreveu há anos uma obra largamente documentada e de bem deduzida lógica — *Evolution, Creation and Science*.

Na obra que agora temos em português são resolvidos muitos dos problemas relacionados com o Génesis e a Criação, que tantas vezes enfrentamos no nosso ministério.

São aqui rebatidas praticamente as principais objecções contra o relato bíblico baseadas nas Ciências da Natureza.

Costumes Orientais — Antiguidades Bíblicas, por Owen C. Whitehouse. Tradução de Jorge Goulart. União Cultural Editora, Lda., São Paulo. 1950. 142 páginas. Brochado. Preço: Cr. \$25,00.

Quem deseje conhecer pormenorizadamente os diferentes aspectos da vida oriental nos tempos bíblicos, tem neste volume farto repositório de dados interessantes.

Dividida em três partes principais — «A família e suas ocupações»; «A vida e as ocupações fora de casa»; «Organização política e social» — dentro destas secções encontram-se as mais variadas informações.

Em apêndice são apresentados dados sobre dinheiro, pesos, medidas de capacidade e extensão, calendários e sacrifícios.

Respigando (Colectânea de ilustrações publicadas para revista UNITAS). União Cultural Editora, Lda., São Paulo. Brochado. 130 páginas. Preço: Cr. \$25,00.

São 322 ilustrações para sermões, especialmente úteis para obreiros e pregadores voluntários.

As Profecias de Daniel e o Apocalipse, por Sir Isaac Newton. Tradução da edição inglesa de 1733, por Júlio Abreu Filho. Edipo Editora, São Paulo. Brochado. 290 páginas. Preço: Cr. \$50,00.

Sir Isaac Newton (1642-1727), grande matemático, filósofo e homem de ciência, é também um clássico na exegese de Daniel e Apocalipse.

Embora algumas das suas interpretações tenham sido ultrapassadas, uma grande maioria dos seus pontos de vista está de acordo com os nossos.

Por isso nos apraz ver esta obra traduzida em português.

E. F.

«A natureza da experiência religiosa de uma pessoa revela-se no carácter dos livros que ela prefere nos seus momentos de lazer.»

E. G. WHITE

ESCOLA SABATINA

PONTUALIDADE

Sempre mencionamos com entusiasmo e admiração as maravilhas da Natureza, marchando na mais perfeita ordem, obedecendo às leis estabelecidas pelo Grande Arquitecto.

Nossa velha terra, girando sem parar, sempre na mesma direcção e velocidade, pelo menos já durante os seis mil anos de história terrestre, dá-nos um dos maiores exemplos de equilíbrio e pontualidade. Imaginemos se os rios mudassem o seu curso por qualquer fenómeno estranho, correndo um dia para uma direcção e dias mais tarde para direcção oposta, sem nenhum aviso ou indicação. Quanto prejuízo causaria? Também se a lua alongasse a sua marcha em redor da terra distanciando-se da sua trajectória e assim uns planetas seguissem a sua rota com toda a pontualidade, enquanto outros modificassem o curso do mundo e a marcha do universo pela falta de pontualidade.

Nosso mês seria mais curto ou mais longo. Nosso ano solar seria modificado, causando prejuízos em todos os sectores da existência. Os horários seriam modificados, e as máquinas feitas para o cómputo do tempo, regulando todas as actividades humanas, teriam que ser atiradas para a sucata.

Quem arriscaria realizar qualquer coisa numa terra assim convertida?

Não, meus amigos, Deus não organizaria um universo dessa maneira! Tudo na organização divina marcha na mais perfeita ordem, na mais perfeita pontualidade. Só o homem é o único desordeiro no grande maquinismo feito pelo Criador.

Hoje desejamos abordar com o leitor destas linhas, um grande problema que vem intranquilizando os antigos organizadores desta obra, de maneira terrorizante.

«Vamos dar início à nossa escola sabatina cantando o hino número 207.» Olho para os assentos e muitas vezes quase $\frac{2}{3}$ deles estão vazios. Durante o hino chegam mais alguns. Na oração, um grupo que chegou mais atrasado, fica em pé espe-

rando que esta termine e assim vão entrando muitos que durante todo o serviço continuam perturbando aqueles que chegaram a tempo.

Todos os apelos, advertências, promessas, prémios, fitas, cartões, quadros com «bom dia», «boa tarde», etc., têm surtido pouco resultado. Essas coisas só são boas para crianças.

O assunto de pontualidade é questão de hábito e plano. Chegamos ao trabalho todos os dias na hora certa, ou um pouco antes, por dever, por hábito e necessidade. Não chegamos à escola sabatina sempre a tempo, porque não planejamos para isso, e outros factores mais. São quase sempre as mesmas pessoas que chegam tarde. Há transtornos ocasionais, mas isso é excepção e não regra.

Quando chegará o tempo no qual o nosso povo se apresentará diante do Senhor com toda a pontualidade? Não estamos no tempo de desorganizar as nossas fileiras, mas de alinhá-las para o serviço. Atrasaremos assim o término da obra de Deus na terra?

Se eu chegasse tarde à escola sabatina, vendo hoje ao meu redor todas as evidências do fim, que exigem mais firmeza, zelo e pontualidade, faria agora mesmo um voto a Deus para que me corrigisse esse grande mau hábito. Deus tem alguma coisa contra ti, prezado leitor. «Tenho, porém, contra ti, que deixaste a tua primeira caridade (teu primeiro amor, zelo e entusiasmo). Lembra-te pois de onde caíste e arrepende-te e pratica as primeiras obras.» Apoc. 2:4 e 5.

Temo que aqueles que persistirem em chegar tarde à escola sabatina, também chegarão tarde ao reino de Deus, o que equivale a não entrar nele.

Tornemos a escola sabatina, pela nossa pontualidade, a reunião mais atractiva, fonte poderosa de ensinamentos cristãos, guia infalível para a vida eterna.

NOTÍCIAS DO CAMPO

R. P. Rowe — De 10 a 13 de Setembro foi-nos dado o prazer de termos connosco, em Lisboa, o Irmão R. P. Rowe, tesoureiro da Pacific Press, de Mountain View, Califórnia.

Rita Esperancinha — A fim de se unir a seu marido, que há pouco tomou a seu cargo o trabalho missionário na Praia, Cabo Verde, embarcou no dia 10, com destino àquela cidade, a Irmã Rita Esperancinha, que era acompanhada por seu enteado.

Milca Morgado — No dia 13 embarcou para Angola, com destino a Nova Lisboa, onde já se encontrava seu marido, a Irmã Milca Morgado.

A ambas estas irmãs missionárias, e aos seus respectivos lares, desejamos grandes bênçãos no seu novo campo de actividade.

Pastores J. J. Aitken, G. Cupertino e D. G. Rose — Dos dias 10 a 14 tivemos o privilégio da visita destes nossos irmãos. O Irmão Aitken, secretário dos M. V. da Divisão Sul-Europeia, já é bem conhecido no nosso país, em especial pelos jovens; o Irmão G. Cupertino, que acaba de entrar para a Divisão, visita-nos pela primeira vez; o Irmão Rose, director da Obra em Espanha, vinha acompanhado por sua Esposa e Filhos.

No dia 10 falaram os nossos irmãos em Portalegre; a 11, tomaram a palavra no Porto; a 12, no Barreiro. Em todas estas igrejas tiveram numero auditório. No dia 13, sábado, dedicaram a sua actividade à igreja de Lisboa. No Quarto de Hora Missionário, tomou a palavra o Irmão Rose, que nos contou algumas experiências ocorridas com nossos irmãos em Espanha. A mensagem do culto da manhã foi dirigida pelo Irmão Cupertino. A reunião dos jovens, à tarde, esteve a cargo do Irmão Aitken, que à noite apresentou também alguns filmes.

Todos quantos ouviram os nossos Irmãos apreciaram as suas mensagens de encorajamento.

CONFERÊNCIA PORTUGUESA

Lisboa

Sábado, 27 de Setembro: Outro memorável dia para a nossa congregação! Eram três e meia da tarde e já o nosso salão estava repleto, inclusive as galerias, de ouvintes atentos. O Pastor Ernesto Ferreira, presidente da nossa União, que nesse dia pôde estar connosco, foi convidado a presidir a esta nova reunião baptismal e, a dirigir a Palavra aos candidatos, num exame dos Princípios basilares da Fé cristã. Também nos deu o prazer da sua colaboração nesta reunião o Pastor Pedro Ribeiro, secretário da União. De Setúbal, vieram quatro almas que desejaram aproveitar esta oportunidade para também serem baptizadas. O evangelista daquela Congregação, Irmão Juvenal Gomes que foi nossa visita de honra, quis distinguir-nos com tal gentileza: Trazer junto de nós mais almas para receberem o baptismo. Deus continue a abençoar a Congregação de Setúbal e lhe conceda mais e mais almas para sua honra e glória.

Nesta terceira cerimónia baptismal do corrente ano na nossa igreja, vinte novos membros se uniram ao povo de Deus. Após os baptismos e ao perguntarmos aos novos membros quem tinham

sido os crentes que os conduziram ao contacto com a Mensagem, tivemos uma vez mais o prazer de constatar que Deus se serviu de humildes Irmãos e Irmãs, na sua quase totalidade membros novos da igreja! Que Deus conceda a cada membro do Seu povo a mesma alegria que concedeu a estes Irmãos e Irmãs: Serem pescadores de almas para o reino de Deus.

Prestes a findar a nossa reunião e, em resposta a um apelo às visitas que estavam presentes a se decidirem pela Fé, foi com grande alegria que pudemos ver a resposta de mais de uma centena de almas, muitas das quais já pertencem à classe baptismal e outras em breve se unirão a ela.

Possa Deus dar uma maior consagração, não só aos membros novos da Congregação, mas particularmente aos antigos, e grandes perspectivas estão diante da Obra de Deus na nossa capital!

M. Leal

Porto

Eram 12,30 horas quando saímos de casa com numo a Castelões com o fim de ali realizar a nossa habitual reunião. Acompanhavam-nos nesta viagem Missionária os três Jovens irmãos, José Monteiro, Arnaldo Borges, Hermínio Monteiro. São estes dois últimos exímios violinistas da Congregação, que amavelmente se ofereceram para colaborar no nosso esforço evangelístico naquele lugar. Todo o caminho cantámos hinos de louvor ao Senhor com todo o entusiasmo dos nossos corações. Chegados à cidade de Penafiel esperámos um pouco pelo carro do nosso prezado irmão Amadeu que vindo de Vizela costuma juntar-se a nós dando-nos também a sua colaboração. Depois de termos descansado um pouco, continuámos a nossa marcha alegres como sempre, confiantes na protecção Divina e ansiosos por chegar ao nosso destino. Ali aguardavam-nos dois grandes acontecimentos; os prezados leitores terão ocasião de ver.

Chegados ao destino, Castelões (Vila Meã), nossos irmãos que ali residem rodearam nosso carro radiantes por nos tornarem a ver de saúde. Mas notámos que alguma coisa se passava de anormal entre eles. Era uma boa nova.

Durante os quinze dias que nos separaram da nossa última visita, nossos estimados irmãos tinham conseguido alugar uma pequena sala, mobilaram-na contribuindo todos no custeamento das muitas despesas que isso lhes acarretou. Gesto simpático, que em todos despertou reconhecimento e gratidão. Aproveito mais uma vez esta oportunidade para agradecer em nome do Conselho da Igreja do Porto aos irmãos Celeste Pinto de Carvalho e seu esposo José António Pinto de Carvalho, nosso futuro irmão, José Pinto e Joaquim Pereira, tudo quanto têm feito para o progresso do trabalho ali naquela freguesia.

O segundo acontecimento foi de carácter tal que nos deu a sensação de estarmos vivendo entre tribos africanas. Ao chegarmos à Sala de reunião, uma grande multidão, perto de duzentas pessoas, apinhava-se para perturbar o nosso culto, batendo em latas, tocando sinos, violas, tambores, gritando, dançando, misturando

naquela algazarra infernal o hino de Fátima. Uma autêntica manifestação pagã, como podeis constatar.

Nosso irmão Amadeu procurava acalmar os ânimos de algumas pessoas mais acessíveis, enquanto dentro da Sala, nós cantávamos nossos hinos. Como as coisas tomassem proporções alarmantes resolvemos pedir a intervenção das autoridades de Penafiel. Foi nosso prezado irmão Amadeu acompanhado do nosso futuro irmão Pinto de Carvalho que se prontificaram a ir buscar as autoridades.

Todos nós Adventistas estávamos calmos como se nada se estivesse passando em redor... Mais de uma dezena de hinos foram cantados com todo o fervor da nossa alma. Os violinistas vibravam em seus violinos os acordes dos belos hinos para assim iniciarmos o culto. Apesar de todo aquele desacato a Sala estava cheia, a janela que dá para um terraço estava repleta de pessoas atentas ao Evangelho.

Enquanto eu fazia a exposição da palavra de Deus foram-me atirados do lado de fora e entrando pela janela alguns tomates verdes, que passaram perto de minha cara sem contudo me tocarem. Foi espalhada pelas escaldas até à porta que dá entrada para a Sala muita palha, que viemos depois a saber destinava-se a pegar fogo à casa.

Algumas pessoas caídas em si disseram que o abade é que tinha na missa da manhã instigado aquela gente a proceder assim.

Damos graças ao Senhor por haveremos passado aquela bela experiência. Os anjos do Senhor se acampam em redor dos que IO temem e os livros. Estamos convencidos de que tudo o que se passou é o começo duma grande obra naquele lugar. Ansiamos por voltar novamente ali para continuarmos o nosso esforço missionário. A bondade do Senhor tem sido conosco, o Santo Espírito do Senhor nos tem acompanhado.

Tendo dado passos junto das autoridades para que de futuro se não repita o mesmo, e todas elas têm sido muito amáveis.

Oremos pelo trabalho e pelas autoridades do nosso país.

Vosso na causa do Mestre.

José Júlio Pires



Porque me atrazei um pouco no envio deste 1.º artigo já posso agora acrescentá-lo com os resultados da nossa última e recente visita a Castelões.

Foi no passado domingo, 31 de Agosto, que, umas 70 pessoas, aproximadamente, enchendo por completo duas camionetas e um automóvel se deslocaram em alegre e entusiasta excursão missionária até Vila Meã.

Chegados àquela localidade cerca das 15 horas verificámos um grande aglomerado de gente disposta estrada fora e mantida na mais perfeita ordem por um Sargento e 10 praças da Guarda Republicana.

Bem unidos, todos os excursionistas, tomámos a pé o rumo da nossa sala. Quase ninguém junto a ela mas em breves instantes podiam-se contar em mais de uma centena os curiosos que acorriam pressurosamente para ouvir o que tinham a dizer-lhes os «protestantes». Foi pedido ao nosso Sargento que permitisse aproximarem-se o mais possível da nossa casa todos os que manifestassem desejo de nos escutar de perto. E desta

maneira dezenas de pessoas, sentadas ou de pé se aglomeraram com o máximo respeito, cabeça descoberta, ante a porta da nossa sala donde fomos obrigados a dirigir a palavra para que igualmente nos escutassem os que se encontravam dentro de casa e aqueles que, por ali não caberem, permaneceram de fora.

Antes de abrirmos a Palavra de Deus cantámos com todo o entusiasmo e fervor cristão três ou quatro dos nossos hinos que, bem verificámos, foram escutados com agrado e respeito gerais. Pedimos seguidamente a bênção e protecção divinas e estas foram bem patentes durante todas as nossas actividades.

Acompanhara-nos já desde o Porto, indo no nosso carro, um cavalheiro bastante conhecido naquela região por haver ali durante largos anos desenvolvido com dignidade e rectidão as suas funções de negociante — o Senhor Adelino Pinto de Sá, que, há 2 meses está estudando conosco as Verdades Eternas pelas quais nutre já amor e grande entusiasmo. Tomou este Senhor a iniciativa de explicar ao Senhor Sargento numa conversa amena, escutada por muitos do povo, o que são e o que pretendem os adventistas do sétimo dia.

Conseguiu de tal maneira entusiasmar o Agente da Autoridade que volvidos alguns momentos era já o próprio Sargento que rodeado de grande grupo fazia a apologia do adventismo explicando ao povo quanto este estava enganado a respeito de tão grande e digno movimento. E assim dum modo geral todos os nossos Irmãos e Amigos invadidos de verdadeiro zelo cristão procuraram com a maior calma e singeleza possíveis fazer compreender àquela pobre gente quanto é bela e pura a Doutrina que lhes oferecemos.

Terminada a nossa bela reunião em que tomámos a palavra eu e minha mulher e após haveremos cantado ainda 2 ou 3 hinos que já foram acompanhados por uma meia dúzia dos assistentes mais novos, agradecemos a Deus a manifestação bem visível do seu Poder Imenso e Profundo Amor.

Se aqui ou além por entre aquele aglomerado de gente se escutava ainda um ou outro dito desrespeitoso ou escarninho, dum modo geral todos se uniram para nos assegurar que, se a Guarda nos tinha valido de muito, na realidade, naquele dia, não mais precisaríamos dela de futuro porque em Castelões ninguém mais se levantaria contra nós porque haviam constatado que a nossa Doutrina é tudo menos aquilo que lhes diziam que era.

E assim, prezados Irmãos, regressamos ao Porto com os corações transbordantes de alegria cristã, de gratidão para com o nosso Deus e certos em absoluto que grandes coisas o Senhor tem a fazer em Vila Meã. Orai pelos nossos fiéis e bons Irmãos daquela localidade e pelo progresso da Obra ali.

José Júlio Pires

21 de Setembro — Foi com grande pesar que vimos partir do nosso meio, com destino a Porto Alexandre, Angola, as queridas Irmãs Maria de Jesus Silva e sua filha, Edviões do Carmo. Custou-nos bastante a sua despedida, tanto mais que estas saudosas irmãs pertencem ao número das pessoas que muito se esforçam para a união e edificação da Igreja!

Que Deus as abençoe e as proteja, são os ardentes votos da Igreja de Setúbal.

27 de Setembro — A comemoração do centenário da Escola Sabatina na Igreja de Setúbal, estaremos certos, perdurará na memória de todos os nossos irmãos e visitas.

Pelo Director da E. S., Ir. Cipriano Baptista, foram convidadas a ocuparem lugar de honra, na mesa da Direcção, as Irmãs Aninhas Temudo e Balbina Trindade. A Irmã Aninhas Temudo foi a primeira pessoa que, em Setúbal (Outão), estudou a Escola Sabatina, sendo então membro do Dep. do Lar da E. S. da Igreja de Lisboa, há 18 anos. Daí para cá, o número de membros centuplicou. Se continuarmos no mesmo ritmo, daqui a 18 anos, um sexto da população de Setúbal serão membros da Escola Sabatina!... A Irmã Balbina Trindade, foi o primeiro membro da E. S. organizada em Setúbal (em sua própria casa).

Houve, a seguir, uma alocução de boas-vindas às visitas.

A classe infantil apresentou um belo programa, que agradou a todos, constando de cânticos, poesias e versículos individuais. No final do programa, duas criancinhas ofereceram um ramo de flores à Irmã Aninhas Temudo e outro à Irmã Balbina Trindade, como lembrança deste dia.

A Juventude apresentou um côro que era um convite a uma entrega a Jesus.

A lição do dia foi passada em conjunto e esteve a cargo do Irmão Constante Trindade. Os momentos missionários foram preenchidos por algumas palavras do Irmão José Augusto da Silva, professor e director da Escola Adventista de S. Tomé e que se encontra no nosso meio, gosando as suas férias. O culto esteve ao cuidado do Irmão Director da E. S.

A reunião da tarde, realizou-se, conforme estava previsto no «programa-tipo». As duas Irmãs, atrás mencionadas, deram-nos o prazer de contar suas belas experiências, que muito nos encorajaram. Damos muitas graças a Deus por termos estas Irmãs firmes no seu posto, e imbuidas do mesmo espírito e entusiasmo que tinham quando aceitaram a fé. Que Deus as conserve por muito tempo no nosso meio e as abençoe, a fim de que sejam sempre um estímulo para a Igreja.

O Senhor foi servido conceder-nos o privilégio de cumprirmos o programa à risca. Assim, de tarde, houve um serviço de baptismos. Por volta das 11 horas, deixávamos Setúbal, o signatário e algumas palavras, rumo a Lisboa. A partir das 15 horas realizou-se a cerimónia dos baptismos, num total de 27, sendo 4 os candidatos apresentados pela Igreja de Setúbal.



Foi esta a cerimónia do primeiro centenário da Escola Sabatina e, quem sabe, talvez o último...

Trabalhemos e oremos para que o Senhor nos conceda a bênção de festejarmos o segundo centenário nas mansões celestiais. AMEN!

Juvenal Gomes

Portalegre e Ribeira de Nisa

Aproveitamos a «Revista Adventista» para enviar a todos os Irmãos os nossos cumprimentos. Já há muito temos tido desejo de enviar algumas informações para as colunas da nossa Revista mas... há sempre o «mas» a impedir tudo! Eis algumas notícias.

Falecimentos — Embora um pouco tarde não queremos deixar de anunciar a morte da nossa

Irmã Agripina Cordeiro. Foi durante doze anos uma activa Irmã na Igreja estando sempre pronta a colaborar em todos os trabalhos da mesma. Perdemos de facto uma boa e útil Irmã. Retida no leito por muito tempo, sofrendo horrivelmente, esta Irmã dormiu no Senhor em 29 de Maio deste ano. Nos últimos tempos, motivado pela doença, passou diversas privações, mas não entanto foi uma fiel dizimista. Ainda no último mês de sua existência deu para o Senhor aquilo que lhe pertence. Possa este exemplo incutir mais zelo e dedicação a todos os nossos Irmãos.

— Com 85 anos de idade acaba de falecer a nossa Irmã Maria da Glória Delgado, mãe do nosso Irmão Manuel Lourinho, Director das Missões em Angola. Esta Irmã é uma das colunas do nosso Movimento em Portalegre. Foi em sua casa onde se fizeram as primeiras reuniões, no tempo do Irmão Paulo Mayer. Até ao último momento manteve sempre uma inabalável firmeza de fé, recitando, poucas horas antes de morrer, o Salmo 23 e pedindo para que se cantasse o hino «Jesus é o melhor Amigo». Que firmeza de fé e confiança! Um por menor curioso. Morreu precisamente no dia em que fazia 31 anos que se tinha entregue a Jesus pelo baptismo. A Igreja de Portalegre deseja apresentar condolências a toda a família e muito especialmente ao nosso Irmão Lourinho, em serviço em Angola.

De Visita — De visita às Igrejas da União estiveram no nosso meio os Irmãos Pastores J. Aitken, G. Cupertino e D. G. Rose. Acompanhava-os o nosso Irmão Director Pastor E. Ferreira. Estes Irmãos visitaram a nossa Capela da Ribeira de Nisa tendo à noite, em Portalegre, realizado uma boa Conferência. No dia seguinte partiram para o Norte não deixando de paten-tear todo o seu contentamento por esta visita. Agradecemos aos nossos Irmãos suas belas palavras e pedimos a Deus que não seja esta a última vez.

Casamento — Realizou-se, no passado dia 18, o casamento da nossa Irmã Emília Teixeira com o Irmão Manuel Laranjeira, Evangelista no Barreiro. Apadrinhou o acto, por parte da noiva a Irmã Nazaré Raposo e seu espôso, e, por parte do noivo, sua Irmã Angélica Laranjeira e seu pai José Maria Laranjeira. Foi celebrante o Irmão Pastor E. Ferreira, Director da União. A Igreja de Portalegre aproveita esta oportunidade para endereçar aos nubentes as maiores felicitações.

Centenário da Escola Sabatina — Foi uma verdadeira festa espiritual o Sábado 27. Logo de manhã demos início ao nosso succulento programa em colaboração com os oficiais das Escolas Sabinas de S. Julião, Ribeira de Nisa, Reguengo e Portalegre. À frente, formado em flores, liam-se as datas 1852-1952. Um século de existência para a Escola Sabatina! À volta desta data decorreu toda a reunião que conforme se passava mais agradava a todos. Por lapso foi escolhido o Irmão Manuel Garcia como membro mais antigo da Escola Sabatina. Procurava-se e procura-se o membro da Igreja local que tenha sido sempre membro da Escola Sabatina. Outro nome surgiu e estamos enviando esforços para que o membro escolhido preencha os requisitos pedidos pelo Departamento. De tarde, houve uma linda cerimónia baptismal tendo sido sepultados pelo baptismo quatro preciosas almas de S. Julião. Depois seguiu-se a Santa Ceia onde os membros tiveram oportunidade de cantar «Benditos laços são os

do fraterno amor». Foi uma bela reunião, à noite, todos comoveu grandemente. Por fim, à noite, tivemos uma Reunião de Jovens onde fizemos um filme sobre as nossas Missões da Madeira e Cabo Verde.

Assim terminámos esta comemoração na certeza de que Deus esteve connosco e viu quanto grande era a alegria do Seu povo.

Entre os Presos — Continua o nosso Irmão Laranjeira o seu trabalho entre os presos da Cadeia tendo tido sempre boas experiências apontando o poder do Evangelho no coração dos homens.

Que os irmãos leitores da Revista não se esqueçam de orar por este trabalho.

Cordialmente no Senhor

A. Miranda

Tomar

De uma carta escrita pelo Ir. José Abella, em 2 de Outubro, transcrevemos o seguinte trecho:

«No passado sábado tivémos a comemoração do centenário da Escola Sabatina, que foi um dia memorável na nossa Igreja. A afluência foi grande, contando-se nela até os afastados da nossa Igreja, e algumas visitas.

Foram elogiados os decanos das Escolas de Tomar e do Entroncamento pela sua fidelidade e foram-lhes oferecidas pequenas prendas lembrando de longe as bênçãos recebidas e ainda para receber pela sua fidelidade ao Senhor. As crianças tomaram parte no programa alegrando-nos com as suas vozes infantis. A seguir os membros foram convidados a dar o seu testemunho e foi esta a parte mais comovedora e memorável do programa. Lágrimas se viram em muitos rostos, não de tristeza, mas lembrando as vitórias passadas e as bênçãos do Senhor. Assim terminámos esta abençoada Escola Sabatina em que muitas almas chegaram mais perto do Salvador.

À tarde a maior parte da Igreja estava reunida nas Calçadas, onde numa singela reunião foram lembrados episódios da história denominacional, particularmente da Escola Sabatina».

José Abella

MISSÃO AÇOREANA

Julgo que todos os leitores da «Revista Adventista» apreciam bastante as notícias que esta costuma inserir dos vários campos. Se assim é, creio que certamente gostarão de saber alguma coisa do trabalho deste tão difícil Campo Missionário — de nome Arquipélago Açoriano.

O primeiro Missionário a penetrar nestas Ilhas foi o nosso bom Irmão e homem de Deus, Ernest Mansell, a 12 de Setembro de 1934. E a 12 de Dezembro de 1935 teve lugar a primeira cerimónia baptismal, na cidade de Ponta Delgada. Foram 6 almas que tomaram parte nessa cerimónia e às quais se deve o alicerce desta nossa Missão.

Mais tarde a 27 de Abril de 1940 tomou posse desta Missão o nosso prezado Irmão e Amigo Manuel Lourinho. Faz prosperar o trabalho aqui em S. Miguel.

Entretanto, levanta-se interesse noutra cidade — Angra do Heroísmo. Como o Irmão Lourinho por si só não pudesse manter o trabalho nas duas cidades, foram pedido para Lisboa reforços. Aqui veio parar este vosso criado, em 27 de Abril de 1942. Mas só em fins de Agosto, princípios de Setembro, é que teve lugar a inauguração da nossa Sala de Cultos em Angra.

O trabalho vai crescendo. Novas oportunidades se deparam a esta Missão e assim é chamado mais um Obreiro para tomar conta do trabalho na Ilha do Pico, onde presentemente, temos um belo edifício que convida os habitantes daquela Ilha a tomarem uma decisão pela Verdade.

Aos 20 de Novembro de 1949, deixava esta Missão o nosso Irmão Lourinho, e tomava posse da mesma o Irmão João Esteves. Este Irmão por aqui esteve, não chegou a três anos, até que em 1952 foi transferido para Moçambique, para onde foi transferido. Julgo que recebeu a transferência com o maior dos prazeres — pois viu bem quanto difícil é trabalhar entre os brancos... Mas enfim, estes também têm de ser evangelizados...

E assim, e no espaço de dez anos, cá estamos de novo em terras açorianas.

Estamos esperançados em fazer um bom trabalho para o Senhor. Sabemos que o Campo é duro, mas acreditamos que o Senhor tem, por estas Ilhas, muitas almas sinceras a serem salvas. E foi esta certeza que nos moveu a tomar conta destes pedaços de terra que também fazem parte do nosso querido Portugal.

Mas, Irmãos, nós, mais do que ninguém, sentimos a necessidade de vossas orações. Não se esqueçam que as Ilhas são o maior foco de fanatismo do nosso Portugal!

Somos a dizer que presentemente temos aqui em Ponta Delgada uma sala que dignifica o Movimento Adventista.

Foi inaugurada no passado dia 2 de Agosto com a presença de nosso Irmão Pedro Ribeiro.

Este mesmo Irmão fez o culto de dedicação e consagração da dita sala. Tomou como base de seu culto o versículo 8 do capítulo 25 do Êxodo em que se diz: «E far-me-eis um Santuário, e habitarei no meio deles».

Antes de terminar estas breves linhas, desejamos agradecer a todos os Irmãos que tão simpáticos foram para nós, sobretudo, quando da operação de minha Mulher. De um modo especial, desejamos agradecer aos Irmãos de Tomar, bem como de Lisboa. E daqui, de bem longe, desejo dizer-vos que estamos ao vosso inteiro dispor.

«A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo seja com todos vós. Amen» III Coríntios, 13:13.

Ponta Delgada, 25 de Setembro de 1952.

Samuel Reis

REVISTA ADVENTISTA

ÓRGÃO EXCLUSIVAMENTE RELIGIOSO
E DE INFORMAÇÃO DA IGREJA
ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

DIRECTOR: ERNESTO FERREIRA

ADMINISTRADOR: P. BRITO RIBEIRO

Corpo de Redacção: F. Cordas, J. A. Esteves, E. Ferreira, M. Lourinho, E. P. Mansell, E. Miranda e M. M. Viegas.

PUBLICAÇÃO MENSAL

Cont., Ilhas e Colónias

Número avulso 1\$50
Assinatura anual 15\$00

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:

TIP. GOMES & RODRIGUES, LDA.

32, RUA DAS PICOAS, 34 — LISBOA